

KARL OVE KNAUSGÅRD

A descoberta da escrita

Minha luta 5

Tradução do norueguês
Guilherme da Silva Braga



Copyright © 2010 by Karl Ove Knausgård & Forlaget Oktober A/S, Oslo
Todos os direitos reservados.

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro de NORLA.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Min Kamp. Femte Bok

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

PolakPhoto/ Shutterstock

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Adriana Bairrada

Luciane Gomide Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Knausgård, Karl Ove

A descoberta da escrita : minha luta 5 / Karl Ove
Knausgård ; tradução do norueguês Guilherme da Silva
Braga. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2017.

Título original : Min Kamp. Femte Bok

ISBN 978-85-359-2940-9

1. Ficção norueguesa I. Título.

17-04978

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norueguesa 839.823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

PARTE 6

Os catorze anos durante os quais morei em Bergen, de 1988 a 2002, acabaram faz tempo, e não deixaram nenhum rastro, a não ser como episódios que talvez certas pessoas ainda lembrem, um lampejo numa cabeça aqui, um lampejo numa cabeça ali, e claro tudo que existe na minha própria lembrança daquele tempo. Mas é surpreendentemente pouco. Tudo que restou dos milhares de dias que passei naquela pequena cidade com ruas estreitas e reluzente de chuva em Vestland são uns poucos acontecimentos e umas quantas atmosferas. Eu tinha um diário na época, porém mais tarde o queimei. Tirei umas fotografias, e ainda tenho doze, que estão empilhadas no chão ao lado da minha escrivaninha, junto com todas as cartas que recebi naquela época. Eu as folheei, li um pouco aqui e um pouco acolá e em todas as vezes acabei desanimado, porque foi uma época terrível. Eu sabia pouco, queria muito e não conseguia nada. Mas como estava animado na hora de viajar para lá! Eu tinha ido de carona até Florença com Lars naquele verão, passamos uns dias lá, depois pegamos o trem até Brindisi, estava tão quente que eu tinha a impressão de estar queimando quando enfiava a cabeça para fora da janela do vagão. Noite em Brindisi, céu escuro, casas brancas, um calor quase sobrenatural, grandes multidões nos parques, jovens de *moped* por toda parte, gritos

e barulho. Entramos numa fila em frente ao portão do enorme navio que zarparia rumo a Pireu, junto com várias outras pessoas, quase todas jovens e de mochila nas costas como nós. 49 graus em Rodes. Um dia em Atenas, o lugar mais caótico onde eu já tinha estado, um calor inacreditável, depois o barco a Paros e Antíparos, onde passávamos os dias estendidos na praia e as noites enchendo a cara de destilado. Certa noite encontramos umas garotas norueguesas por lá, e enquanto eu estava no banheiro, Lars disse que era escritor e que ia começar um curso na Skrivekunstakademiet quando o outono chegasse. Estavam todos falando muito animados quando voltei. Lars me olhou e sorriu. O que estava fazendo? Eu sabia que ele mentia sobre bagatelas, mas na minha frente? Eu não disse nada, mas decidi me afastar a partir de então. Chegamos juntos a Atenas, meu dinheiro tinha acabado, Lars ainda tinha um monte e resolveu pegar um avião de volta para casa uns dias mais tarde. Estávamos num restaurante com mesas na rua, ele comia frango, tinha o queixo reluzente de gordura, e eu bebia um copo d'água. A última coisa que eu queria era pedir dinheiro emprestado, o único jeito de aceitar dinheiro de Lars seria caso ele se oferecesse para me emprestar. Como não aconteceu, achei melhor passar fome. No dia seguinte Lars foi ao aeroporto, e eu peguei um ônibus que saía da cidade, desci à beira de uma estrada e comecei a pedir carona. Poucos minutos depois uma viatura parou, os policiais não falavam sequer uma palavra de inglês, mas entendi que era proibido pedir carona, então peguei o ônibus de volta ao centro e com os meus últimos trocados comprei uma passagem de trem para Viena, um pão, uma Coca-Cola e uma carteira de cigarro.

Achei que a viagem levaria poucas horas e entrei em choque ao descobrir que na verdade seriam praticamente dois dias inteiros. Na cabine havia um garoto sueco da minha idade e duas garotas inglesas que aparentavam ser uns dois anos mais velhas. Já estávamos no interior da Iugoslávia quando eles perceberam que eu não tinha comida nem dinheiro e me ofereceram um pouco do que tinham. O cenário no outro lado da janela era tão bonito que chegava a doer. Vales e rios, fazendas e vilarejos, pessoas vestidas com roupas que eu associava ao século XIX e que provavelmente trabalhavam na terra como se fazia naquela época, com cavalos e carroças, foices e arados. Parte da composição era soviética, eu andei pelos vagões à noite, encantado com aquelas letras estranhas, com aqueles cheiros estranhos, com aquele cenário

estranho, com aqueles rostos estranhos. Quando chegamos a Viena, Maria, uma das garotas, queria trocar endereços comigo, ela era atraente e em uma situação normal eu teria pensado em visitá-la em Norfolk no futuro, talvez namorá-la e me mudar para lá, mas naquele dia, vagando pelas ruas na periferia de Viena, aquilo não significava nada para mim, meus pensamentos ainda eram dominados por Ingvild, que eu tinha encontrado uma única vez, na Páscoa daquele verão, mas a partir de então começamos a trocar correspondências e tudo mais empalideceu. Peguei carona com uma mulher loira e séria na casa dos trinta anos até um posto de gasolina na beira da estrada, onde perguntei a uns caminhoneiros se teriam lugar para mim, um deles fez um gesto afirmativo com a cabeça, ele devia ter perto de cinquenta anos, era moreno e magro e tinha um olhar pesado e brilhante, disse que só ia comer alguma coisa antes.

Fiquei do lado de fora em meio à penumbra quente fumando e olhando para todas as luzes ao longo da estrada que pareciam cada vez mais definidas à medida que a noite caía, rodeado pelo rumor do tráfego que de vez em quando era interrompido por discretas mas súbitas batidas nas portas dos carros e pelas vozes repentinas das pessoas que se movimentavam pelo estacionamento, chegando ou saindo do posto de gasolina. Na parte de dentro as pessoas comiam sozinhas em silêncio, em meio a uma ou outra família com crianças que se esparramavam por cima da mesa. Eu me sentia repleto de um júbilo silencioso, era justamente aquilo o que eu mais amava, o familiar e o conhecido, uma estrada, um posto de gasolina, uma cantina, que no entanto não eram conhecidos, por toda parte havia detalhes que os diferenciavam dos lugares que eu conhecia. O caminhoneiro saiu, fez um aceno de cabeça, eu o segui, entrei na enorme cabine, larguei a mochila na parte de trás e me acomodei no assento. Ele deu a partida no motor, tudo rugiu e estremeceu, as luzes se acenderam, saímos devagar, aos poucos fomos ganhando velocidade, mas o tempo inteiro havia um peso enorme, e por fim estávamos confortavelmente acomodados na pista da direita e o homem lançou o primeiro olhar na minha direção. *Sweden?*, ele disse. *Norwegen*, eu disse. *Ah, Norwegen!*, ele disse.

Passei a noite inteira e uma parte do dia seguinte na companhia dele. Trocamos nomes de jogadores de futebol, notei que Rune Bratseth o deixou particularmente entusiasmado, mas como o caminhoneiro não falava uma palavra de inglês, ficou por isso mesmo.

Eu estava na Alemanha e sentia muita fome, mas sem uma coroa no bolso não me restava nada além de fumar e pegar caronas e torcer para que tudo desse certo. Um homem jovem parou em um Golf vermelho, disse que o nome dele era Björn e que faria uma viagem um tanto longa, não tive problemas para falar com ele, e à tarde, quando chegamos, ele me convidou para entrar na casa dele e me ofereceu uma tigela de granola com leite, eu comi três porções, ele me mostrou fotografias de uma viagem que tinha feito à Noruega e à Suécia com o irmão quando ainda era pequeno, o pai deles era louco pela Escandinávia, ele disse, e por isso a escolha do nome Björn. O irmão se chamava Tor, ele disse enquanto balançava a cabeça. Depois Björn me levou de volta à estrada, eu o presenteei com a minha fita cassete tripla do The Clash, apertamos as mãos, nos despedimos com votos de boa sorte e mais uma vez me postei em frente a uma das confluências. Três horas mais tarde um homem barbado e de cabelos desgrenhados com óculos parou em um Citroën 2cv vermelho, ele disse que ia até a Dinamarca e que eu podia ir junto o caminho inteiro. O homem cuidou de mim, demonstrou interesse quando eu disse que escrevia, achei que ele talvez fosse professor universitário, pagou minha comida em uma cantina, eu dormi por umas horas, chegamos à Dinamarca, ele pagou mais comida para mim e, quando por fim nos despedimos, eu estava no meio da Dinamarca, a poucas horas de Hirtshals, ou seja, praticamente em casa. Mas esse último trecho foi um pouco mais complicado, minhas caronas não venciam mais do que umas poucas dezenas de quilômetros por vez, às onze da noite eu ainda estava em Løkken, e assim decidi passar a noite na praia. Caminhei por uma estrada ao longo de uma floresta baixa, aqui e acolá o asfalto estava coberto de areia, e logo vi as dunas se erguerem à minha frente, eu subi e vi o mar estender-se cinza e reluzente sob a luz da noite escandinava. De um camping ou de um conjunto de cabanas próximo vinham os sons de vozes e motores de carro.

Era bom estar junto ao mar. Sentir o cheiro da maresia e a aspereza do vento que soprava. Aquele era o meu mar, eu estava quase em casa.

Encontrei um lugar adequado e desdobrei o saco de dormir, entrei para dentro, fechei o zíper e cerrei os olhos. Era uma sensação desagradável, eu tinha a impressão de que qualquer um podia me ver naquele lugar, mas os últimos dias tinham me deixado tão exausto que apaguei como uma vela ao ser soprada.

Acordei com chuva. Saí do saco de dormir sentindo o corpo frio e duro, vesti minha calça, arrumei minhas coisas e me afastei da praia. Eram seis horas. O céu estava cinza, o chuveiro caía em silêncio, quase imperceptível, eu estava congelando e comecei a andar depressa para aquecer o corpo. Eu me sentia atormentado pelas impressões deixadas por um sonho. Gunnar, o irmão do meu pai, estava lá, ou melhor, a fúria dele estava, o problema era que eu tinha bebido muito e feito um monte de coisas erradas, foi o que entendi enquanto eu me apressava em meio à mesma floresta baixa que eu tinha atravessado na noite anterior. Todas as árvores estavam imóveis e cinzentas sob a pesada camada de nuvens, mais próximas da morte que da vida. A areia se espalhava em montes em meio aos troncos, soprada em padrões variáveis e imprevisíveis, porém sempre determinados, em certos lugares como um rio de finos grãos sobre o asfalto irregular.

Cheguei a uma estrada larga, continuei a andar por mais uns quilômetros, larguei a mochila junto a um cruzamento e comecei a pedir carona. Não faltava muito até Hirtshals. Mas ao chegar lá eu não sabia o que fazer, afinal eu não tinha mais nenhum dinheiro, e não me deixariam embarcar de graça no ferry para Kristiansand. Será que não haveria como me enviar uma cobrança? E se eu encontrasse uma alma bondosa que se condoesse ao ver a situação em que eu me encontrava?

Essa não. Os pingos de chuva ficaram maiores.

Por sorte não estava frio.

Acendi um cigarro, passei a mão nos cabelos. A chuva tinha derretido o meu gel, limpei a mão na perna da calça, inclinei o corpo e tirei o walkman da mochila, remexi nas poucas fitas que eu tinha comigo, escolhi *Skylarking* do xTC, coloquei-a para tocar e endireitei as costas.

Não tinha uma perna amputada no meu sonho? Tinha. Cortada logo abaixo do joelho.

Eu sorri, e então, quando a música começou a sair dos pequenos alto-falantes, me senti repleto pela atmosfera da época em que aquele álbum tinha saído. Devia ter sido durante o segundo ano do colegial. Mas acima de tudo o que me preencheu foi a imagem da casa em Tveit, onde eu me sentava na cadeira de vime e bebia chá e fumava e ouvia *Skylarking*, apaixonado por Hanne. Yngve na companhia de Kristin. Todas as conversas com a minha mãe.

Ao longe um carro apareceu na estrada.

*When Miss Moon lays down
And Sir Sun stands up
Me I'm found floating round and round
Like a bug in brandy
In this big bronze cup*

Era uma picape que tinha o nome de uma firma estampado em vermelho no capô, devia ser um trabalhador a caminho de um serviço, ele nem ao menos olhou para mim ao passar, e então a segunda faixa surgiu da primeira, eu adorava aquela transição, uma coisa surgiu também dentro de mim e comecei a brandir a mão no ar enquanto andava de um lado para o outro.

Mais um carro apareceu ao longe. Estendi o dedão. Mais uma vez o motorista parecia ser um homem aborrecido que não se dignou sequer a olhar para mim. Claramente eu estava numa estrada com intenso tráfego local. Mas será que apesar disso ninguém poderia me dar carona? Me levar para uma estrada maior?

Somente umas duas horas mais tarde alguém se compadeceu de mim. Um alemão de vinte e poucos anos, com óculos de armação redonda e aparência séria, manobrou o pequeno Opel, eu saltei para dentro do carro, joguei a mochila no banco de trás, que já estava cheio de bagagem, e me sentei ao lado do motorista. Ele disse que tinha saído da Noruega e estava indo rumo ao sul, que podia me deixar perto da autoestrada, não era longe, mas talvez já ajudasse um pouco. Eu disse *yes, yes, very good*. As janelas estavam muito embaçadas, ele inclinava o corpo para a frente e limpava o para-brisas com um pano. *Maybe that's my fault*, eu disse. *What?*, ele perguntou. *The mist on the window*, eu disse. *Of course it's you*, ele bufou. Tudo bem, pensei, se é assim que você prefere, e então me reclinei no banco.

Ele me largou vinte minutos mais tarde, em um grande posto de gasolina, onde fiquei andando de um lado para o outro e perguntando a todo mundo se alguém ia para Hirtshals e se podia me dar uma carona. Eu estava molhado e com fome, todo desarrumado após vários dias na estrada, e por muito tempo todos simplesmente balançaram a cabeça, até que um homem com um caminhão de carga que parecia estar cheio de pão sorriu e disse pois não, suba, eu estou indo para Hirtshals. Durante todo o trajeto fiquei pensando em pedir ao homem que me desse um pão, mas não tive coragem, o

máximo que consegui fazer foi mencionar que eu estava com fome, sem que no entanto ele mordesse a isca.

Quando nos despedimos em Hirtshals, um ferry estava prestes a zarpar. Corri até o guichê de passagens com a mochila pesada nas costas, expliquei minha situação esbaforido à atendente, eu não tinha dinheiro, será que não dava para me arranjar uma passagem mesmo assim e depois me enviar uma cobrança? Eu tinha comigo o meu passaporte, estava disposto a me identificar e a pagar a conta. Ela deu um sorriso amistoso e balançou a cabeça, não havia como, o único jeito seria pagar em dinheiro. Mas eu *tenho* que pegar o barco!, eu disse. Para *voltar para casa!* E não tenho dinheiro! Ela tornou a balançar a cabeça. Me desculpe, ela disse, e então desviou o rosto.

Me senti no meio-fio na região do porto com a mochila entre as pernas e fiquei olhando o enorme ferry se afastar do cais, deslizar pelas águas e desaparecer no mar.

O que eu podia fazer?

Uma possibilidade seria pedir carona de volta ao sul, até a Suécia, e depois subir pela estrada. Mas será que não havia nenhuma travessia pela água nesse caminho?

Tentei visualizar o mapa, será que não existia uma ligação por terra entre a Dinamarca e a Suécia em algum lugar? Eu achava que não. Não seria preciso descer até a Polônia, subir pela União Soviética até a Finlândia e de lá entrar na Noruega? Nesse caso seriam mais duas semanas de carona. E para entrar nos países do bloco oriental eu precisava de visto, não? Mas claro que eu também podia ir a Copenhague, a cidade ficava a poucas horas de distância, e lá eu certamente daria um jeito de arranjar dinheiro para o ferry até a Suécia. Eu podia mendigar, se fosse necessário.

Outra possibilidade seria pedir à minha mãe que transferisse dinheiro para um banco na Dinamarca. Não seria complicado, mas podia levar uns dias. E além do mais eu não tinha dinheiro para telefonar para casa.

Abri uma carteira de Camel e fiquei olhando os carros que não paravam de entrar na nova fila enquanto eu fumava três cigarros um atrás do outro. Um monte de famílias norueguesas que tinham ido visitar a Legoland ou a praia em Løkken. Uns alemães em viagem para o norte. Muitos motor-homes, muitas motocicletas e mais longe os enormes caminhões de carga.

Sentindo a boca seca, peguei novamente o walkman. Dessa vez coloquei

uma fita do Roxy Music. Mas já no fim da primeira canção a música começou a desafinar e a luz indicadora de bateria fraca começou a piscar. Tornei a guardar o walkman e me levantei, coloquei a mochila nas costas e comecei a ir em direção à cidade, em meio às poucas e desoladas ruas de Hirtshals. De vez em quando eu sentia uma pontada de fome na barriga. Pensei em entrar numa padaria e pedir um pão, mas estava claro que não me dariam. Eu mal conseguia suportar a ideia dessa rejeição humilhante, e assim preferi guardá-la para quando realmente estivesse em apuros. Para quando eu estivesse literalmente disposto a comer o pão que o diabo amassou, pensei enquanto eu voltava ao porto. Parei em frente à combinação de café com lanchonete, lá eu achava que poderia ao menos arranjar um copo d'água.

O atendente fez um aceno de cabeça e encheu um copo para mim na torneira logo atrás. Me sentei próximo à janela. O lugar estava quase cheio. Na rua tinha começado a chover outra vez. Fiquei bebendo minha água e fumando. Em seguida dois garotos da minha idade entraram, com roupas completas de chuva, abriram os capuzes e começaram a olhar ao redor. Um deles se aproximou, podemos nos sentar aqui? *Of course*, eu disse. Começamos a conversar, os dois eram da Holanda e estavam a caminho da Noruega, e disseram que tinham feito todo o trajeto de bicicleta. Os dois quase morreram de rir quando eu disse que tinha viajado de Viena a Hirtshals sem nenhum dinheiro, e que naquele momento eu estava tentando arranjar um jeito de pegar o ferry. É por isso que você está bebendo água?, perguntou um deles, eu acenei a cabeça, ele me ofereceu um café, eu disse *that would be nice*, ele se levantou e comprou o café.

Dei uma volta com os dois, eles disseram que gostariam de me encontrar de novo a bordo e desapareceram com as bicicletas, arrastei os pés até o lugar cheio de caminhões de carga e comecei a perguntar aos caminhoneiros se eu não podia ir com eles, porque eu não tinha dinheiro para o ferry. Não, ninguém quis, lógico. Um por um os motores foram ligados e os caminhões começaram a subir a bordo, enquanto eu voltei ao café, me sentei e fiquei vendo o ferry que mais uma vez se afastou lentamente do cais e pareceu cada vez menor até meia hora mais tarde sumir por completo.

O último ferry zarparia no fim da tarde. Se eu não conseguisse subir a bordo, teria que pegar carona de volta a Copenhague. Seria esse o plano. Enquanto esperava, tirei meu manuscrito da mochila e comecei a ler. Eu tinha escrito

um capítulo inteiro na Grécia, em duas manhãs eu tinha atravessado a vau até uma ilhota, e de lá para uma segunda ilha, com sapatos, camiseta, bloco de anotações, caneta, um livro de bolso com *Jack* em sueco e cigarros em uma pequena trouxa equilibrada em cima da cabeça. Lá, em uma depressão na montanha, eu havia me sentado sozinho para escrever. Foi como se eu tivesse chegado ao lugar onde eu queria estar. Eu me encontrava numa ilha grega, em pleno Mediterrâneo, escrevendo meu primeiro romance. Ao mesmo tempo eu me sentia irrequieto, *não havia* mais nada lá além de mim, e percebi o vazio da situação somente quando aquilo passou a ser tudo que existia. Foi assim mesmo, meu próprio vazio era tudo, e mesmo quando eu estava concentrado lendo *Jack*, ou me inclinava por cima do bloco de anotações para escrever sobre Gabriel, meu personagem principal, o que eu notava era o vazio.

Às vezes eu dava um mergulho na água azul-escura e deliciosa, mas não conseguia dar muitas braçadas porque achava que talvez houvesse tubarões por lá. Eu sabia que não havia tubarões no Mediterrâneo, mas assim mesmo pensava que podia haver, e então caminhava devagar por terra com o corpo pingando enquanto me amaldiçoava, quanta estupidez, eu com medo de tubarões *naquele lugar*, por acaso eu tinha sete anos? Mas eu estava sozinho sob o sol, sozinho em frente ao mar, e além do mais vazio. Era como se eu fosse o último homem. Aquilo tornava a leitura e a escrita totalmente desprovidas de sentido.

Mas quando li o capítulo sobre o que eu havia pensado sobre o boteco dos marinheiros no porto de Hirtshals, achei que tinha ficado bom. Minha aceitação na Skrivekunstakademiet demonstrava que eu tinha talento, e que bastava desenvolvê-lo. Meu plano era escrever um romance durante o ano que estava começando, para então vê-lo lançado no outono seguinte, dependendo de quanto tempo fosse necessário para a impressão e tudo mais.

O romance chamava-se *Vann over/vann under*.

Horas depois, quando começou a escurecer, caminhei mais uma vez ao longo da fila de caminhões de carga. Havia caminhoneiros cochilando no banco do motorista, nesses casos eu batia na janela e via-os despertar com um sobressalto para então abrir a porta ou a janela e ouvir o que eu tinha a dizer. Não, eu não podia ir junto. Não, não havia como. Não, claro que não, por que eles pagariam a minha passagem?

O ferry atracou com as luzes acesas. Por toda parte as pessoas deram a partida no motor. Uma das fileiras de carro começou a movimentar-se devagar, os carros desapareciam naquela bocarra escancarada e sumiam em meio às profundezas do navio. Eu estava desesperado, mas dizia para mim mesmo que tudo acabaria bem. Afinal, nunca haviam circulado histórias sobre um jovem norueguês que tivesse morrido de fome durante as férias, ou então que não tivesse conseguido voltar para casa, ficando preso na Dinamarca, certo?

Em frente a um dos últimos caminhões de carga, três homens conversavam. Me aproximei deles.

— Olá — eu disse. — Será que um de vocês poderia me levar a bordo? Estou sem dinheiro para a passagem. E preciso voltar para casa. Faz dois dias que não como nada.

— De onde você é? — um deles me perguntou no dialeto de Arendal.

— Ændal — respondi, caprichando no dialeto. — *Ellåh Tromøya, då.*

— *Seiå du det!* — ele emendou, surpreso ao encontrar um conterrâneo.

— *Æ kommå au dæfra!*

— Å henne då? — perguntei, querendo saber mais detalhes.

— Færvik — ele disse. — E você?

— Tybakken — eu disse. — *Kan du ta mæ mé, ellåh?*

O homem fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro. Pode entrar. Mas fique escondido durante o embarque. Sem problemas.

E assim foi. Quando embarcamos, me encolhi no chão da cabine, de costas para a janela. O caminhoneiro estacionou, desligou o motor, eu peguei minha mochila e desci da cabine. Eu tinha os olhos úmidos quando agradeci. Ele me chamou mais uma vez, ei, espere um pouco! Me virei, ele me entregou uma nota de cinquenta coroas dinamarquesas, disse que não tinha o que fazer com aquilo, mas que talvez me servisse.

Peguei um lugar na cantina e comi uma porção grande de almôndegas. O barco começou a deslizar. A atmosfera ao redor era cheia de conversas empolgadas, era o fim da tarde e estávamos viajando. Pensei no meu caminhoneiro. Em geral eu não teria a mínima empatia com aquele tipo de pessoa, com homens que haviam desperdiçado a vida atrás do volante, não tinham nenhuma instrução, eram gordos e cheios de preconceitos sobre todas as coi-